



## HOJE TEM CONSULTA DE QUÊ?: PROJETO ESPAÇO LISO

**Área temática:** Saúde

Luciano Bedin da Costa<sup>1</sup> (coordenador da ação de extensão)

Luciano Bedin da Costa  
Heloísa Germany<sup>2</sup>  
Livia Zanchet<sup>3</sup>

### **Palavras-chave**

educação, saúde, arte e cuidado

### **Resumo**

O presente texto apresenta e discute alguns resultados do projeto de extensão “Espaço Liso: arte, cuidado e saúde”, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Iniciado em 2012, o projeto é conduzido por um grupo multidisciplinar, envolvendo docentes, profissionais e estudantes das mais diferentes áreas e cursos. O espaço liso – conceito filosófico retirado da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari – diz respeito a um território marcado por fluxos e desejos, sujeito ao acaso, ao inesperado e às forças de criação coletiva. Uma das ações desenvolvidas pelo grupo é o “Receituário Mais do que especial”, atividade realizada em diversos espaços públicos e privados de Porto Alegre, uma alusão aos receituários de “controle especial” utilizados para a dispensa de medicamentos psiquiátricos controlados. Num mundo marcado por um crescente aumento da medicalização, o que se quer com esta atividade é a criação de um espaço de conversa onde os aspectos de saúde são colocados em primeiro plano. Ao modo lúdico, monta-se um estande onde as “consultas” são realizadas. Ao invés de medicamentos, balas coloridas de chocolate são oferecidas. As prescrições feitas são lúdicas e as mais inusitadas, direcionadas a crianças, adolescentes, adultos e idosos. O objetivo é que, através da delicadeza, da ocupação do espaço público e do cuidado, os sujeitos experimentem o lugar da fala e da escuta, e que, diante da velocidade e atropelamento da vida cotidiana, consigam olhar para seus próprios movimentos de vida e para aquilo que lhes incita prazer.

- 
- 1 Doutor em Educação, Departamento de Estudos Básicos (DEBAS), Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), [bedin.costa@gmail.com](mailto:bedin.costa@gmail.com)
  - 2 Artista Visual, Especialista em Saúde Mental Coletiva (EducaSaúde – UFRGS), Tutora do curso de especialização (EducaSaúde – UFRGS), [heloisagermany@gmail.com](mailto:heloisagermany@gmail.com)
  - 3 Psicóloga, Mestranda em Psicologia Social Institucional (UFRGS), Especialista em Saúde Mental (RIS/ESP-RS), [liviazanchet@yahoo.com.br](mailto:liviazanchet@yahoo.com.br)

## 1. O Espaço Liso

O "Espaço liso: arte, cuidado e saúde" é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenado pelo professor Luciano Bedin da Costa (DEBAS/FACED/UFRGS), Heloísa Germany (EducaSaúde/UFRGS) e Livia Zanchet (PPGPSI/ UFRGS). Implementado em 2012, tem como objetivo problematizar temas pertinentes ao cuidado, educação e promoção de saúde, fazendo uso da arte como intercessor nas ações desenvolvidas.

Durante o segundo semestre de 2012 reunimos um grupo heterogêneo de pessoas vindas dos mais diferentes lugares e cursos, dispostas a estudar e inventar novas maneiras de experimentar a arte como dispositivo para provocação de novos olhares. O nome dado ao projeto faz referência ao conceito de "espaço liso" proposto pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997). Para pensar a produção de uma determinada realidade social os autores sugerem a existência e composição de dois espaços: o liso e o estriado. O primeiro, espaço nômade, refere-se aos fluxos e à produção de desejos instituintes; o segundo, sedentário, refere-se aos estratos e forças instituídas pelo aparelho de Estado. Todavia, ainda que aparentemente dicotômicos, a relação estabelecida entre ambos não é de ordem maniqueísta. O liso e o estriado estabelecem entre si uma relação de tensão permanente, implicando-se mutuamente. Ao espaço liso cabem referências a conceitos que conduzem à ideia do inesperado, do desconhecido, do inventivo, ao que os filósofos franceses chamarão de rizoma, desterritorialização, fluxos e linhas de fuga. Já o conceito de espaço estriado está ligado à zona dos estratos, dos territórios demarcáveis, das identidades, repetição e das linhas mais sedimentadas. No entanto, como supracitado, um espaço faz-se necessário à existência do outro.

O título de nossa ação extensionista faz menção, pois, a um espaço que possa ser construído à medida em que acontece, conectando múltiplos saberes, tempos e experiências. O resultado disto gerou uma parceria frutífera muito interessante, ao que hoje carinhosamente chamamos de "Coletivo Espaço Liso". O projeto foi concebido e realizado a partir de encontros semipresenciais, realizados na Faculdade de Educação da UFRGS e em ambiente virtual, abordando as temáticas citadas através de leituras e trocas disparadoras à reflexão e produção de arte no campo social. Durante os primeiros meses do projeto nos detivemos a estudar os conceitos envolvidos, de modo que pudéssemos efetivamente operacionalizá-los em ações públicas. Circularam e circulam pelo projeto profissionais e acadêmicos das mais diversas modalidades (graduação, pós-graduação, residência em saúde mental coletiva e docência), estes provenientes dos mais diversos cursos (matemática, artes visuais, psicologia, enfermagem, saúde coletiva, letras, educação especial, pedagogia, etc). A ideia não era somente pensar o espaço liso mas realizá-lo, ou seja, produzir ações que pudessem disparar reflexões a partir do inusitado, da multiplicidade de olhares e de uma organização coletiva. O resultado destas discussões gerou uma exposição de trabalhos visuais realizados pelo grupo e algumas intervenções em espaços públicos da cidade de Porto Alegre.

## 2. O Receituário mais que especial

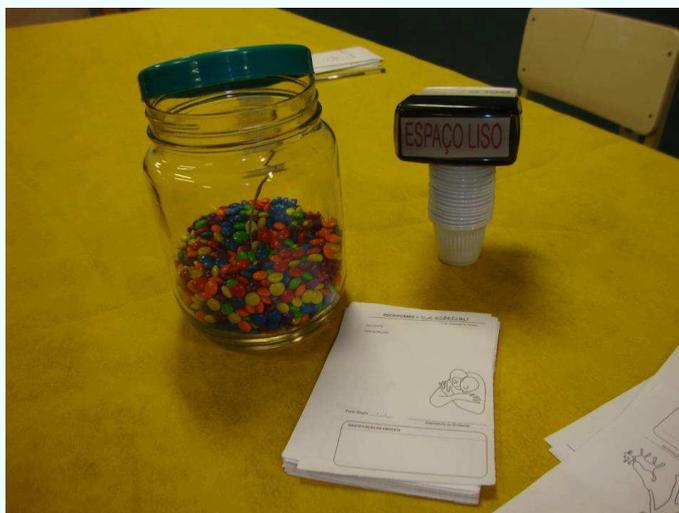
Em tempos de individualismo exacerbado, pressa e desconfiança ao circular pelas ruas da cidade, medo e redução do convívio social real – ocupado pelas relações nas redes sociais virtuais – e transformação de tudo isto em demandas pela medicalização da vida, viemos aqui apresentar uma proposta de extensão que se coloca no contrafluxo dos discursos dominantes. Nós o fazemos, pois acreditamos que viver no contrafluxo traz desafios interessantes à vida e que a produção de conhecimento precisa também produzir tensionamentos, desacomodar,

cutucar o naturalizado, interpelar. Estamos com Manoel de Barros, quando diz: “[...]Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Sou um apanhador de desperdícios[...]”(2010, p.47).

O contexto social, atualmente, faz-se profícuo para intervenções urbanas, considerando os últimos dois anos, em que os movimentos de atenção aos espaços urbanos, também em Porto Alegre, vêm se fazendo mais frequentes. Há certo questionamento da população sobre a falta de ocupação destes espaços – de parques, praças, de shows – à noite, sobre a segurança, sobre a privatização de muitos dos locais públicos. Alguns grupos organizaram piqueniques noturnos num convite à ocupação do espaço aberto da cidade. Há um forte movimento de incentivo ao uso de bicicletas, com a construção de ciclovias e coletivos que realizam encontros em espaços públicos os mais diversificados. Enfim, vive-se um momento de apelo ao retorno do olhar para a cidade.

Propomos realizar uma intervenção que interpele a cidade – intervenção urbana sustentada pela relação da arte e do ativismo. Mesquita (2008) define o ativismo como uma ação que visa mudanças sociais ou políticas. Diz, ainda, que o estilo das intervenções urbanas, de criar desenhos, performances, interferências, imagens, instalações, fraturas ou cortes físicos, em pequena ou grande escala nos espaços das cidades, pode estabelecer outras perspectivas e caminhos para fugir de condutas condicionadas e assim modificar os fluxos da vida cotidiana.

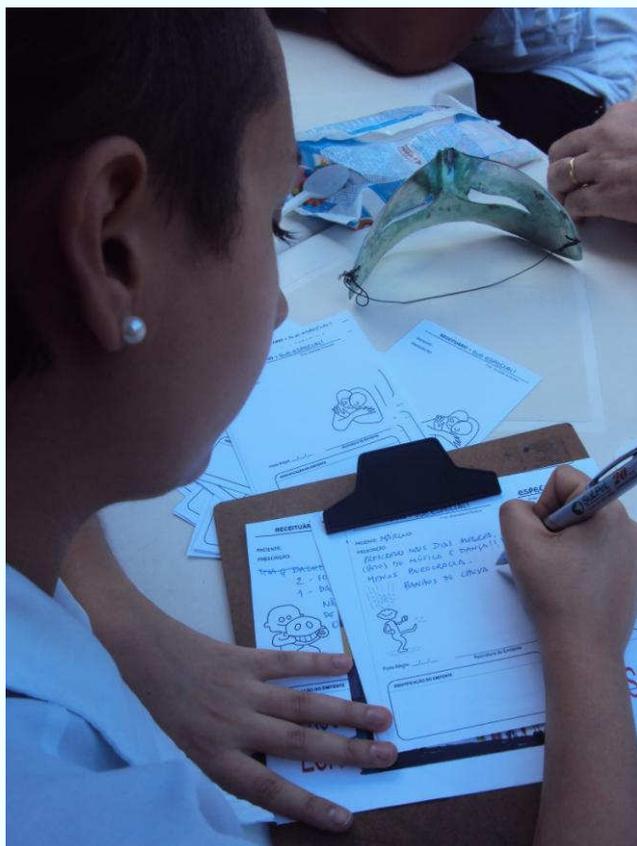
Em meio a este cenário construímos uma intervenção que pudesse dar visibilidade à temática da saúde e, num momento inicial, pensávamos em falar especificamente da saúde mental. No entanto, o que inicialmente estava remetido somente à questão do estigma da loucura, deslocou-se. Pensamos na medicalização como ponto de partida, dada sua relevância atual e implicação na manutenção da estigmatização da loucura e do sofrimento psíquico. Criamos então o receituário + que especial, em alusão aos receituários de “controle especial” utilizados para a dispensa de medicamentos psiquiátricos controlados.



Já tendo a proposta constituída consideramos data e local para colocá-la em ação pela primeira vez: o evento que se chamou “Saúde Mental no Parque”, realizado em novembro de 2012 no Parque da Redenção, em Porto Alegre, promovido pela Secretária Estadual de Saúde do RS. Para os portoalegrenses, os passeios pelo Parque da Redenção aos domingos são uma programação tradicional e, conseqüentemente, realizar por lá um evento da saúde mental com apresentações culturais, exposição de produções, proposição de discussões em rodas de conversa, é afetar a cidade. No Espaço Liso, entendemos que esta seria uma oportunidade

potente para entrarmos em contato com a população em geral e, acompanhados pela delicadeza, realizarmos uma ação que problematizasse o cuidado em saúde mental.

O evento começou às nove horas da manhã e seguiu até o final da tarde. Após o almoço, por volta das 14h, o Espaço Liso se fez presente. Numa tenda montada para exposição de trabalhos e venda de produtos, apropriamo-nos de duas mesas plásticas e montamos nossa “barraquinha”. Colocamo-nos ali a oferecer “consultas”. Era isso que dizíamos, que oferecíamos consultas. Vestimos nossos jalecos, colocamos sobre a mesa nossas pranchetas, os belos receituários “mais que especiais” e nossas “pílulas” – balinhas coloridas de chocolate que se assemelhavam a pequenos comprimidos. O que oferecíamos ali era sensível e delicado, estávamos quase a presentear os que viessem ao nosso encontro. As pessoas se aproximavam e perguntavam: “Consulta de quê?” “Do que vocês estiverem precisando”, era o que respondíamos. E, assim, alguém se sentava a nossa frente e começava a falar. Escutávamos e fazíamos uma prescrição. Naquela tarde prescrevemos muitos passeios no parque, encontro com amigos, banhos de chuva, menos trabalho, mais alegria, cambalhotas, traquinagens, banhos de chuva, sorrisos aleatórios, lambidas de cusco, perfume de flor, sol com bergamotas, comidinha de mãe, abraços aconchegantes, música... e distribuimos nossas pílulas doces. Enfim, a tal prescrição na verdade sugere, não prescreve. Põe em pauta a ideia de prevenção e promoção de saúde, colocando em questão o que hoje chamamos de hipermedicalização da vida.



## 2. O receituário mais que especial enquanto dispositivo educativo

Além da ação supracitada, o “Espaço Liso” promoveu outras atividades extensionistas no município envolvendo o receituário mais que especial. Em 2013 participamos do Chalé Cultural promovido pelo Grupo Hospitalar Conceição; participamos da semana da luta

antimanicomial, em frente ao Mercado Público de Porto Alegre<sup>4</sup>; estivemos no Hospital Psiquiátrico São Pedro; participamos do lançamento oficial do Guia da Gestão Autônoma da Medicação - GUIA GAM, realizado na Faculdade de Farmácia da UFRGS. Em todos estes espaços o público envolvido foi o mais diverso e insusitado, compreendendo desde usuários de saúde mental até transeuntes interessados e interpelados pela proposta. Através da delicadeza e da ludicidade, propomos um espaço de conversa onde o que é colocado em primeiro plano são os desejos e vontades dos sujeitos envolvidos, sejam estes uma criança ou um especialista no assunto. O receituário mais que especial quer-se enquanto dispositivo educativo, um momento onde os sujeitos dão uma parada no modo de vida por vezes frenético, adocedor e acelerado, voltando o foco, não para o sofrimento, mas para os recursos que podem ser construídos em prol do prazer e da vida.

### 3. Concluindo com um depoimento

Finalizamos este texto com o depoimento de um usuário no evento de lançamento do GUIA GAM. Para nossa surpresa – e alegria – no instante em que a palavra foi aberta à plateia, um senhor levantou-se, tomou o microfone e disse: “Eu hoje estou muito contente, pois além de tudo, saio daqui com uma receita que diz o seguinte – aí, ele retira do bolso o Receituário Mais que Especial e lê para todos os dizeres ali colocados: “Sugiro que a senhora Lucia faça cócegas pelo menos duas vezes na semana no Sr. Renato, para ele rir mais. Sugiro também que assista o Chaves!” Nunca imaginei que uma consulta pudesse ser tão simples...”.

Não há dúvidas de que produzimos um dispositivo, o desafio agora está em buscar sua potência para dela poder contar.

### REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. O apanhador de desperdícios. In: **Memórias inventadas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997

MESQUITA, A. L. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008

---

4 Esta atividade teve boa repercussão em termos de mídia, podendo ser conferida em <http://www.sul21.com.br/jornal/2013/05/arte-e-loucura-nas-ruas-aproximam-populacao-da-luta-antimanicomial/>